

GESTÃO ESCOLAR: GUIA DO DIRETOR EM DEZ LIÇÕES

Pedro Faria Borges

FUNDAMENTOS

Lição 3: A Escola tem uma Responsabilidade Social

Assumir a responsabilidade social é um dos indicadores da qualidade de uma organização. Uma escola realiza as suas atividades dentro de uma sociedade composta por seres humanos. Ela interage com pessoas, quer sejam alunos, pais, funcionários, fornecedores, vizinhos, acionistas, outras escolas, a comunidade. Não há como não ter responsabilidade social. Assumir consciente e competentemente essa responsabilidade é que é a maior necessidade de nossos dias.

A educação, por si mesma, não tem sentido. Educação é meio, e não fim, pois a escola não trabalha para si mesma. Em As novas realidades, Peter Drucker afirma que a educação moderna rejeitou os valores morais, e essa rejeição trouxe como consequência a transmissão de valores errados: indiferença, irresponsabilidade, cinismo. Não há educação sem valores morais. O trabalho mais significativo, em nossos dias, diz ele, será definir quais são os valores morais da educação numa sociedade instruída, educar com esses valores e estar fortemente comprometido com eles.

Escola para todos e sucesso de todos na escola não darão garantia de uma sociedade justa, fraterna, democrática, se a educação não tiver um propósito social. Os grandes corruptos deste país não são analfabetos. São pessoas instruídas, “competentes”, que estudaram em “boas” escolas e foram bem-sucedidos como alunos. Formar pessoas competentes não é suficiente; é necessário que sejam também íntegras. Mas ainda não é suficiente; é preciso que sejam competentes, íntegras e socialmente responsáveis.

Bernardo Toro, educador colombiano, enumera sete aprendizagens básicas para a convivência social:

1. Aprender a não agredir o semelhante — Fundamento de todo modelo de convivência social.
2. Aprender a comunicar-se — Base da auto-afirmação pessoal e grupal.
3. Aprender a interagir — Base dos modelos de relação social.
4. Aprender a decidir em grupo — Base da política e da economia.
5. Aprender a cuidar-se — Base dos modelos de saúde e de seguridade social.
6. Aprender a cuidar do ambiente — Fundamento da sobrevivência.
7. Aprender a valorizar o saber social — Base da evolução social e cultural.

Se se quiser ter novas formas de convivência social, em que a proteção da vida e a felicidade sejam possíveis, deve-se construí-las. A convivência se aprende, se constrói e se ensina. É uma tarefa de toda a vida de uma pessoa e de uma sociedade.

O Dr. Humberto Maturama— médico da Universidade do Chile, biólogo graduado na Inglaterra e nos Estados Unidos, em Biologia dei fenômeno social — afirma:

O ser humano é, na sua constituição, social. Não existe o humano fora do social. O genético não determina o humano, somente fundamenta o que é humanizável. Para ser humano, é preciso crescer humano entre humanos. Ainda que isso pareça óbvio, esquece-se de que se é humano somente na maneira de ser humano das sociedades a que se pertence.

Se pertencemos a sociedades que valorizam, com a conduta diária de seus membros, o respeito aos mais velhos, a honestidade consigo mesmo, a serenidade na ação e a verdade na linguagem, esse será nosso modo de ser humano e o de nossos filhos.

Pelo contrário, se pertencemos a uma sociedade cujos membros valorizam, com uma conduta cotidiana, a hipocrisia, o abuso, a mentira e o auto- engano, esse será nosso modo de ser humano e o de nossos filhos.

Mais do que aquilo que fala, a escola ensina aquilo que faz. Os alunos não apenas ouvem o que dizem os professores mas observam como se relacionam, o que valorizam como trabalham como se organizam como vivem , quais são seus valores, nas suas crenças. Aprendem como a escola resolve os problemas, como trata seus funcionários, que importância dá às disciplinas, aos setores, aos eventos, ao trabalho, ao lucro, ao bem-estar e à satisfação das pessoas.

Educar é mais que instruir, transmitir conhecimentos, dar competência. Educar é dar um sentido ao conhecimento, é inspirar projetos de vida, é despertar o projeto de viver em fraternidade, é

humanizar, é formar cidadãos, e, para isso, é preciso direcionar esforços ter lucidez em relação ao que se quer e ao melhor caminho para chegar lá.

Finalidade da Educação

Em março de 1990, em conferência mundial realizada na Tailândia, sob coordenação da UNESCO, 155 países colocaram como missão da escola:

Satisfazer às necessidades básicas de aprendizagem das pessoas por meio de instrumentos e conteúdos.

A missão é a razão de ser, a finalidade da instituição. Por que existe? A resposta a essa nos dá a missão da organização, mas não o seu propósito, a sua finalidade. Não é na missão, mas no propósito que uma escola se diferencia de outra.

Para que e como satisfazer às necessidades básicas da aprendizagem das pessoas? Por que por meio de instrumentos e de conteúdos? Uma resposta, muitas vezes, deve ser apenas o ponto de partida para outras perguntas.

“A grande preocupação com os aspectos didáticos é uma forma de evadir-se dos verdadeiros problemas da educação: para que trabalhamos? A quem servimos? Para que serve o que estamos fazendo?”, nos alerta Maria Teresa Nildecoff, em *Uma escola para o povo*.

Qual é a finalidade da educação?

Muitos se manifestaram em relação a essa pergunta e é pouco provável que se chegue a uma resposta única, válida para todo tempo e lugar. Cada instituição deve buscar, reinventar, criar uma resposta, sabendo que deve ser uma resposta presente, sem que esteja circunscrita ao momento presente.

O início da Missão Educacional de um grupo de escolas do Estado de Minas Gerais diz o seguinte:

Missão Educacional

A missão educacional pressupõe crença na vida, crença na capacidade de o homem compreender a realidade e nela atuar, tornando-se melhor e melhorando a qualidade de vida de toda a sociedade. E, pois, nossa responsabilidade como instituição educacional entender o passado, viver o presente e vislumbrar o futuro, para afirmar, com coragem e lucidez, os valores que fundamentam a vida, criando condições para que as pessoas se desenvolvam integralmente.

...entender o passado, viver o presente e vislumbrar o futuro...

Cícero disse que a finalidade da educação é libertar o homem da tirania do presente, e André Gide definiu a melhor educação como sendo aquela que vai na direção contrária ao indivíduo.

Atualmente, dentre as possíveis finalidades colocadas para a educação, nenhuma alcança tão facilmente o consenso quanto a formação da cidadania. Contribuir para a formação de pessoas conscientes de seus direitos e deveres, criar um estado de felicidade para as pessoas são propósitos de quase todas as escolas. Para vivência plena de direitos e o cumprimento de deveres de modo autônomo, há, no entanto, a necessidade de o indivíduo desenvolver certas competências.

No início desta lição, viu-se as aprendizagens básicas para a convivência social. O exercício da cidadania, além dessas aprendizagens, exige as seguintes competências:

motora, cognitiva, estética, ética, afetiva.

Se não se trabalhar objetivamente no desenvolvimento dessas competências, corre-se o risco de continuar falando sobre cidadania sem chegar a formar cidadãos. A escola deve harmonizar o desenvolvimento da pessoa nessas competências, sem privilegiar nenhuma delas. Do contrário, pode formar aleijados. Segundo Peter Drucker: “Ela (a educação) não pode dar-se ao luxo de permitir nem o bárbaro letrado que ganha bem a vida, mas cuja vida não vale ser vivida, nem o erudito amador que carece de compromisso e de eficácia”.

Uma escola, se quiser realizar um trabalho de qualidade, precisa explicitar com clareza a sua finalidade, e, se quiser ser presente, necessita assumir a sua responsabilidade social. Assumir a responsabilidade social, em nosso país, tem a ver com o aprimoramento de uma ordem social de

convivência democrática e com a construção de um país com equidade interna, isto é, sem miseráveis, excluídos, marginalizados.

Muitos entendem por responsabilidade social a realização de campanhas (de agasalhos, de calçados, de alimentos...) em prol dos mais necessitados, de visitas a orfanatos, a asilos, a prisões, de trabalhos comunitários. Algumas escolas inovaram assumindo a responsabilidade pela preservação de rios, matas ou pelo cuidado de praças, avenidas ou outras áreas públicas. Tudo isto é importante e pode fazer parte da formação para o exercício pleno da cidadania, mas não reside aí a essência da responsabilidade social que deve ser assumida pela escola.

Em um de seus melhores artigos para a revista *Veja*, em 3 de novembro de 1999, o economista Cláudio de Moura Castro afirma: “Nossas escolas estão melhorando. O momento é bom para pedir-lhes mais ênfase na responsabilidade social. Mas hoje sabemos que adicionar cursos do estilo ‘moral e cívica’ é uma parte muito pequena da tarefa. Os alunos não aprendem civismo em aulas de civismo, mas em uma escola que pratica justiça, tolerância, equidade e generosidade. Os alunos aprendem pelo que a escola pratica muito mais que pelos sermões em aula. A escola tem de ensinar pelo exemplo. Se o professor trata o aluno rico diferente da forma que trata o pobre, falece o aprendizado da equidade. Se o professor chega atrasado, a lição de pontualidade vai na direção oposta”.

O desenvolvimento da responsabilidade social não pode ser uma atividade paralela ao currículo escolar. Os alunos não aprendem civismo em aulas de civismo, assim como não aprendem a ser socialmente responsáveis visitando esporadicamente asilos, orfanatos, hospitais, prisões, ou levando de casa para as campanhas ocasionais aquilo que lhes sobra, aquilo que já não querem mais, os entulhos.

É preciso compreender que a responsabilidade social está na essência de uma educação de qualidade hoje. A maior responsabilidade social da escola é garantir a formação de pessoas que tenham responsabilidade social. Esta é a sua contribuição específica. Muita gente anda fazendo o resto em função de suas convicções ou de necessidades de marketing.

O trabalho na sala de aula e na direção de escola me ensinou que é muito difícil aprender a interagir. Nas ações de caráter social, empreendidas com alunos de escolas particulares, a interação com os mais carentes corria sempre o risco de se tornar uma ação sobre os mais pobres. Raramente encontrei pessoas, mesmo entre os educadores, que percebiam que toda ação social é sempre uma troca, que não há lado sem carência nessa relação, que não existe quem sabe tudo e quem nada sabe. Não existe um problema que seja só do outro; os problemas são sempre nossos. Considerar a pessoa e respeitar a sua dignidade é compreender que toda a solução é sempre de dentro para fora, é entender que só a interação é o caminho para a promoção humana. É complicado dialogar com o diferente, mas é fácil definir, direcionar, resolver a vida do outro, principalmente quando ele é o mais fraco.

Apreendi também que, em termos de responsabilidade social, parece ser mais freqüente olhar para fora que para dentro de nossas escolas. Quantos funcionários analfabetos, quantas famílias passando necessidades, quantos doentes, quantos professores que deram tanto pelo sucesso da escola, com quantas mazelas se continua convivendo dentro das instituições, mas é sempre lá fora que se busca os carentes, os necessitados. Duvido daqueles que só fazem o bem na casa dos outros. Uma escola deve começar a exercer a sua responsabilidade social junto a seus alunos, funcionários, professores. Esta é a melhor forma de educá-los para a cidadania.